



O POVO DAS BRUXAS: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO E CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL EM ZUGARRAMURDI ATRAVÉS DA CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA

Palavras-Chave: Zugarramurdi, Bruxaria, Identidade cultural

Autora: Eloisa Soares C. Rodrigues UNICAMP - IFCH

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia UNICAMP - IFCH

INTRODUÇÃO

A crença em bruxaria permeou as sociedades ocidentais tanto na baixa idade média como no início da moderna, de modo que em diversos contextos históricos é possível encontrar casos de perseguições contra aqueles considerados praticantes de magia, cuja maioria eram mulheres. Zugarramurdi, cidade da região autônoma de Navarra e com forte influência basca, fez parte deste cenário: nesse local, o imaginário acerca da bruxaria tornou-se particularmente reconhecido e tornado presente, devido à importância atribuída ao “Auto de Fé”, cerimônia inquisitorial ocorrida em 1610 em Logroño, no norte da Espanha, e a forma como o evento é lembrado atualmente. Nessa cerimônia, os acusados foram condenados e executados publicamente, sendo que a maioria desses eram oriundos da região¹, conformando-a, assim, como um espaço diabólico. É esse evento que fez com que a população local passasse a ser conhecida como “povo das bruxas” - denominação que adquiriu, ao longo do tempo, um sentido positivo de identidade, que também garante ao local uma considerável afluência turística. Atualmente, a vila de Zugarramurdi promove diferentes eventos e atividades culturais que remetem ao referido processo inquisitorial, consolidando e alimentando a noção de uma identidade cultural contemporânea indissociável à denominação “povo das bruxas”². A prefeitura da cidade, ao investir e oferecer tal associação faz com que a pequena vila de 219 habitantes receba milhares de turistas todos os anos, gerando vultosas verbas que se relacionam a todas as esferas da vida social na região.

Minha pesquisa visou compreender a forma como uma certa estrutura histórica e social dos processos e perseguições às bruxas, nessa localidade específica, é recuperada política e simbolicamente na contemporaneidade, justamente através de uma revalorização de determinadas fronteiras de um imaginário associado ao perigo e à subversão. A partir da análise de tratados demonológicos como produções culturais textuais (Greenblatt, 1999), que buscavam entender questões acerca da sociedade através de um viés mágico, partimos de uma reflexão sobre a centralidade das interpretações de Pierre De Lancre (1553-1631), em seu livro “*Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*”, para entender este fenômeno histórico e também contemporâneo devido sua marcada influência nas perseguições levadas a cabo na região. Além disso, o tratado permite compreender a posição marginal que a cultura basca ocupava entre os reinos da França e Espanha, eixo central para análise do fenômeno na região,

¹ GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das letras. 2 ed., 2001, p. 46.

² Dentre os eventos que contribuem para constituir esse imaginário relacionado à bruxaria, é possível destacar a festa do Akelarre, ocorrida na “Cueva de las Brujas”; a celebração do “Día de las brujas” e o banquete popular Zikiro-Jate, ocorrido nesta mesma caverna e que faz alusão aos sabás. Há também as rotas turísticas da bruxaria formadas a partir de uma releitura e reinterpretação da história de caça às bruxas local.

tanto no passado relativo a caça às bruxas, como sua recuperação atual em novas chaves de sentido.

Interessa aqui analisar como a diferença cultural e política assinalada nessa região basca, representada historiograficamente como exemplo de uma alteridade perigosa, passou a adquirir sentidos positivos atualmente. A reflexão sobre essas interpretações historiográficas permite compreender como se dá o processo de construção das narrativas sobre uma identidade cultural nacional moderna, associadas a um imaginário que remete a um passado histórico da região, do “povo das bruxas”. Considerando tal levantamento, foi adotada uma análise sobre as formas como uma disputa sobre as narrativas do passado e, sobretudo, como o mesmo é recuperado politicamente no contexto social basco na Europa contemporânea, incidem diretamente no processo de constituição de novas identidades caras aos sujeitos históricos.

METODOLOGIA

A metodologia consistiu no levantamento e revisão bibliográfica relativa ao tema proposto. Foi fundamental a análise bibliográfica da literatura especializada, tanto referente à história das bruxas de Zugarramurdi, quanto sobre a bruxaria desde uma perspectiva historiográfica e antropológica. De forma especial, foi analisada a obra “*Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*”, de Pierre De Lancre (1612), que se destaca devido à sua expressiva influência nos processos inquisitoriais bascos.

Articulado a esse primeiro momento reflexivo, foram mobilizados particularmente estudos que situassem a construção de um imaginário sobre a figura de Satã e seu respectivo papel na sociedade ocidental a fim da compreensão de certa linguagem que compreende os eventos aqui analisados. Sucedendo-se a esta etapa de análise, a bibliografia relativa à crítica historiográfica foi movimentada com o objetivo de deslindar a tese da recuperação simbólica do passado inquisitorial sob novos fundamentos e finalidades, refletindo, à luz dessas teorias, as novas interpretações atribuídas a essas estruturas históricas. Finalmente, busquei me debruçar sobre materiais que discorrem sobre os conceitos de Estado, nação e nacionalismo, de uma forma integrada aos estudos referentes ao turismo e à antropologia, buscando compreender o motor para tal dinâmica em Zugarramurdi atualmente, partindo da hipótese que esse processo nasce da necessidade da valorização das narrativas sobre o passado frente a violência simbólica e política do mundo contemporâneo, particularmente em um espaço geográfico marcado por tensões étnicas e separatistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Durante o ano relativo ao desenvolvimento das atividades de pesquisa do projeto PIBIC, do qual infere o mês de agosto de 2020 até agosto de 2021, novas discussões e rumos emergiram conforme a bibliografia foi sendo movimentada. No que diz respeito as crenças e processos de bruxaria, a análise de materiais que deslindam sobre seu aspecto sistemático foi fundamental para compreender sobretudo determinada morfologia passível de reinterpretções, como a análise proposta no livro de Carlo Ginzburg, “*História Noturna: decifrando o sabá*”, publicado em 1989, no qual o autor realiza um estudo da história do sabá através de uma abordagem estruturalista. Vale reforçar que a assimilação dos padrões existentes nos processos de bruxaria e seu respectivo cenário não é direcionada a análises causais, ou seja, da bruxaria como produto de outros acontecimentos sociais, em busca de explicações realistas, mas sim de sua compreensão enquanto universo simbólico fechado em si mesmo e pertencente a uma conjuntura histórica específica. O modelo teórico para tal abordagem baseia-se na proposta de Marshall Sahlins, em seu livro “*Ilhas de Histórias*” (1990), no qual o autor elucida as transformações e reproduções de certas estruturas na história a partir da perspectiva culturalista. Nesse sentido, um

aprofundamento no debate sobre a bruxaria em uma perspectiva antropológica, pensando determinadas reflexões³ que se debruçam sobre temas clássicos como magia e feitiçaria, foi relevante para compreender intimamente elementos fundamentais que corporificam suas ocorrências em diferentes locais e épocas.

Parte elementar da bruxaria aqui analisada, os estudos sobre o sabá, foi substancial uma vez que o ritual é marcado pela performance subversiva da ordem moral e social regente⁴. Pensando no caso da caça às bruxas em Zugarramurdi, Navarra, no século XVII, sua elucubração é central uma vez que é principalmente através de seu simbolismo que os preconceitos e ressentimentos em relação aos bascos, no contexto ibérico e castelhano, são apreendidos, bem como o fato que a busca incessante pelos seus participantes e de sua descrição sensacionalista fez com que a dimensão da perseguição às bruxas se tornasse incontrolável. Logo, De Lancre se faz presente na construção do imaginário social relativo às bruxas e aos sabás, principalmente através das descrições publicadas na sua referenciada obra.

A caça às bruxas em Zugarramurdi, portanto, é entendido através de causas aqui bem delimitadas: a influência notória do juiz Pierre de Lancre e de sua supracitada obra na condução das perseguições no local, marcada de aversão à cultura e organização social basca; a forma que o conselho inquisitorial na região conduziu as investigações; as relações internas à comunidade e o encontro entre saberes da elite com os populares, à medida que o pano de fundo era uma sociedade permeada por medos e angústias políticas e identitárias, tendo satã como causa principal atribuída às diferenças consideradas irreconciliáveis neste universo simbolicamente também tenso.

Tal ponto se tornou eixo principal na articulação dos objetivos propostos. Ou seja, as representações imaginárias de satã e de seus agentes consolidaram-se em diálogo com os eventos sociais que irrigaram culturalmente uma sociedade, criando saberes que conferiam sentido e motivos perante um período marcado de rupturas e violências⁵. A criação e consolidação de satã e do inferno, partindo de uma base religiosa original, revela-se como um elemento unificador compartilhado pela elite eclesiástica dos reinos e pelo papado. Ainda, a necessidade por controle social foi intensificada durante a idade média, de forma que o demônio foi usado como uma espécie de espantinho por aqueles que o criaram, fundamentando, assim, as características de um projeto de união cultural (e também linguística e política) daquela população. A luz desse levantamento, a consideração de que o domínio dessas narrativas era tangenciado por interesses particulares é evidenciado no fato de que a demonologia, a princípio, era explorada pela elite letrada devido uma curiosidade filosófica; a magia e bruxaria começou a sofrer repressões e perseguições a partir do século XII quando houveram mudanças no tecido social que absorveram tais ideias, infiltrando-as em outros contextos.

Determinante no ininterrupto desenvolvimento da imagem de satã, a concepção de uma teoria política centralizada entra em consonância com a formação da imagem do inferno, estipulando certo paralelo com as leis e com governo dos homens. A partir desse momento, o medo e a culpa começam a ser acentuados no imaginário popular, assim como a constante vigilância individual. tendo isso em vista, uma nova hipótese se desenvolve dentro da pesquisa: uma relação antiga entre bruxaria e a fundação dos Estados modernos europeus.

³ Por exemplo, “Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande” (1937), obra de E. E. Evans Pritchard; bem como o artigo de Mary Douglas, “Os Lele revisitados, 1987 acusações de feitiçaria à solta” (1999); e “Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade”, de Peter Geschiere (2006)

⁴ Ver nota 7.

⁵ Obras como “Satã Herético: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330)”, escrita por Alain Boureau e publicado em 2016 e “Uma história do diabo: séculos XII a XX”, de Robert Muchembled, de 2000, foram usadas para formular a genealogia diabólica aqui trabalhada.

Uma vez presentes no alicerce das nações europeias e atravessados na epistemologia ocidental de maneira geral, os estudos sobre feitiçaria e modernidade demonstram que o caráter fluido da bruxaria, unido as transformações sociais inerentes a qualquer sociedade, originam um reencantamento do mundo através de novas organizações políticas, sociais e econômicas. Foi então a partir desse momento da pesquisa que a compreensão dos mecanismos de recuperação de certo passado sombrio em novas formas interpretativas começaram a se desvencilhar. As discussões em torno do uso das narrativas, escrita da história e a interpretação dos rastros deixados pelas vozes não aparentes, se tornaram vigentes. A cronologia histórica marcada por uma ordem temporal entre passado, presente e futuro é particular a epistemologia ocidental⁶. Nesse sentido, os modos de organizar essas categorias são de fato o que lhes dão sentido. A competição econômica e necessidade de planejamento fez com que o futuro cedesse espaço para o presente, até o ponto da supremacia deste. Tal processo faz parte das exigências cada vez maiores da sociedade de consumo que tornaram obsoletas as coisas dos homens, comprimindo, nessa medida, até mesmo o tempo. O turismo serve de exemplo desse processo: o mundo inteiro é rapidamente acessível. O futuro e o passado se desintegram em vista da valorização do presente, sendo ele o produtor de seu próprio passado e futuro a fim de torna-lo significativo.

Finalmente, as discussões em torno do tempo histórico levou a ludibriações sobre o papel do turismo e da identidade cultural, situando o fenômeno da globalização como central para compreensão da necessidade de identidades locais e sua sustentação a fim da criação de um tecido social unificado frente à compressão temporal e emergência de múltiplas identidades⁷. A própria singularidade cultural basca, associada a uma espécie de imaginário inerente ao atraso e que deveria ser controlada e combatida na forma de perseguição às bruxas bascas e, aqui especificamente analisado, na região de Zugarramurdi, foi reinterpretada de forma positiva. Esse processo de recuperação de certo passado reinscreveu os sinais atribuídos à bruxaria histórica em um contexto de mercado e de reposicionamento político das autonomias regionais na Espanha moderna (mesmo que as tensões políticas, no contexto de um estado moderno, não tenham desaparecido).

CONCLUSÕES:

Durante a realização da pesquisa, novos questionamentos e temas surgiram, de forma que os meios teóricos para o desenvolvimento da tese proposta ganharam novos rumos. Nesse sentido, o surgimento de novas questões como a relação da demonologia com a formação dos Estados europeus, tramas ocultas dentro da história das perseguições em Zugarramurdi, bem como as tensões políticas entre a instituição inquisitorial, se revelaram.

O aprofundamento na bibliografia relativa aos estudos da crítica historiográfica que elucidaram a forma que esse processo inquisitorial terrível foi atualizado com outros significados pela população de Zugarramurdi como “povo das bruxas”, inflamaram o tema, tornando-o bastante contemporâneo. A compreensão da bruxaria na Europa, de forma geral, migrando para estudos de bruxaria e antropologia e finalizando os estudos relativos a esse temática específica com a bibliografia particular à bruxaria de Zugarramurdi, possibilitou o desenvolvimento de um terreno fértil para o deslindar dos estudos sobre a construção epistemológica ocidental pautada em certa genealogia simbólica (e estética) diabólica, de modo que certa característica elástica da bruxaria e sua potência como uma espécie de esponja para inúmeras e aparentemente

⁶ Questões acerca dos recortes da história, suas narrativas e interpretações, são desenvolvidas no livro “A escrita da história” de Michel de Certeau, publicado em 2011.

⁷ Stuart Hall, em “A identidade cultural na pós-modernidade”, publicado em 2019, bem como o livro “A invenção das tradições”, publicado em 2012 e redigido por Eric Hobsbawn e Terence Ranger, além do artigo de Noel B. Salazar, “Antropología del turismo en países en desarrollo: análisis crítico de las culturas, poderes e identidades generadas por el turismo”, publicado em 2006, são leituras que iluminaram a questão.

contraditórias explicações, fixasse um elo com a próxima fase metodológica. Finalmente, a compreensão dos conceitos relativos à nação, Estado e nacionalismo, unidos às reflexões sobre turismo e identidade coletiva desde uma perspectiva antropológica, conectaram as análises anteriores sob um mesmo guarda chuva: de um mundo globalizado e atravessado por violências simbólicas resultantes de uma crescente globalização, em que velhas disputas identitárias, territoriais e religiosas, fossem repostas em novos e velhos termos. Além disso, a administração particular das instâncias temporais e históricas características de uma ciência ocidental permitiu a manipulação do passado inquisitorial em novas chaves de sentido, conjuntamente com o estímulo e valorização de uma identidade cultural, “povo das bruxas”, através de novas narrativas.

BIBLIOGRAFIA

- AZURMENDI, Mikel. *Las brujas de Zugarramurdi: La historia del aquelarre y de la Inquisición*. Córdoba: Almuzara, 2013
- BOUREAU, Alain. *Satã Herético: o nascimento da demonologia na europa medieval, 1280-1330*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Forense Universitária, 2011.
- DE LANCRE, Pierre. JACQUES-CHAQUIN, Nicole. *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons où il est amplement traité des sorciers et de la sorcellerie*. Paris: Aubier, 1982.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300 - 1800*. Companhia de Bolso, 2009.
- “El Zikiro-Yate, un akelarre Gastronomico”, Disponível em: <https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/8273/44925_8.pdf?sequence=1> . Acesso em 18/08/2021.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Jorge Zahar Editor, 2004.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das letras. 2 ed., 2001
- GESCHIERE, P. “Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade”. *Afro-Ásia*, [S. l.], n. 34, 2006. DOI: 10.9771/aa.v0i34.21111. Disponível em: //periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21111. Acesso em: 18 ago. 2021.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBSBAWM, E. e Ranger, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 6 ed., 2008.
- MUCHEMBLED, Robert. *Historia del Diablo: Siglos XII-XX*. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- SALAZAR, Noel B. “Antropología del turismo en países en desarrollo: análisis crítico de las culturas, poderes e identidades generados por el turismo”. Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca: Tabula Rasa, 2006, p, 109.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, pp, 7-21.
- URTIZBEREA, Inãki A. “Activaciones patrimoniales e iniciativas museísticas: ¿Por quién? Y ¿Para qué?”. Euskal Herriko Unibertsitateko Argitalpen Zerbitzua Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.